

OS MÚLTIPLOS NORDESTES DE SUASSUNA

Marcella Maria Leite Sá (UNEB)

marcella.leitesa@gmail.com

RESUMO

Na primeira metade do século XX, instaurou a sedimentação de uma visão regionalista, proposta abraçada para o Nordeste, na qual essa região é caracterizada por uma visão unificada da seca, do sofrimento e do sertão. Assim, para tal desmistificação, esse estudo traz a análise de “A história do amor de Fernando e Isaura”, primeiro romance de Ariano Suassuna, a obra foi produzida em 1956. Propõe-se uma leitura distanciada dos *clichês* e estereótipos com os quais se costuma qualificar o Nordeste. Há o intuito de revisitar os espaços múltiplos, míticos e poéticos do Sertão e do Nordeste, acrescentando-se o léxico “Paraíso” – graças à leitura desse romance primeiro –, já que tais noções e imagens são recorrentes nas temáticas suassunianas, embora não visualizadas claramente pelo leitor e pela crítica.

Palavras-chave:

Romance. Ariano Suassuna. Literatura brasileira.

ABSTRACT

In the first half of the 20th century, it established the sedimentation of a regionalist vision, a proposal embraced for the Northeast, in which this region is characterized by a unified vision of drought, suffering and the hinterland. Thus, for such demystification, this study brings the analysis of “Fernando and Isaura’s love story”, the first novel by Ariano Suassuna, the work was produced in 1956. It proposes a distanced reading of the clichés and stereotypes with which it is usually qualified the Northeast. There is an intention to revisit the multiple, mythical and poetic spaces of the Sertão and the Northeast, adding the lexicon “Paradise” – thanks to the reading of this novel first –, since such notions and images are recurrent in Suassunian themes, although not visualized clearly by the reader and critics.

Keywords:

Romance. Ariano Suassuna. Brazilian literature.

1. Introdução

Para adentrar ao sertão de Ariano Suassuna é oportuno pedir empréstimo a João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano e amigo próximo do escritor, o qual o definiu com maestria e, também, o múltiplo sertão suassuniano em um poema que recebeu o mesmo título do romance consagrado como a obra prima de Suassuna:

A PEDRA DO REINO

A Ariano Suassuna

1

Foi bem saber-se que o Sertão
não só fala a língua do não.

Para o Brasil, ele é o Nordeste
que, quando cada seca desce,

que quando não chove em seu reino,
segue o que algum remoto texto:

descer para a beira do mar
(que não se bebe e pouco dá).

2

Os escritores que do Brejo,
ou que da Mata, têm o sestro

de só dar a vê-lo no pouco,
no quando em que o vê, sertão-osso.

Para o litoral, o esqueleto
é o ser, o estilo sertanejo,

que pode dar uma estrutura
ao discurso que se discursa.

3

Tu, que conviveste o Sertão
quando no sim esquece o não,

e sabes seu viver ambíguo,
vestido de sola e de mitos,

a quem só o vê retirante,
vazio do que nele é *cante*,

nos deste a ver que nele o homem
não é só o capaz de sede e fome.

4

Sertanejo, nos explicaste
como gente à beira do quase,

que habita caatingas sem mel,
cria os romances de cordel:

o espaço mágico e o feérico,
sem o imediato e o famélico,

fantástico espaço Suassuna,
que ensina que o deserto funda. (MELO NETO, 1994, p. 420-1)

Percebe-se que talvez ninguém mais do que João Cabral tenha tão grande sensibilidade de qualificar o espaço sertanejo abordado por Suassuna, em quatro estrofes constituídas de harmoniosas oitavas, que parecem multifacetar os espaços sertanejos, míticos e nordestinos das obras de Suassuna. Na estrofe inicial, João Cabral dá conta da universalidade do sertão de Suassuna, pelo acréscimo acoplado ao regionalismo de 30, proposta estético-social que cultua o sertão da seca e da fome. O sertão de Suassuna é o espaço físico que se transmuta, sim, em outros espaços, outros contextos, outros mundos – quer universos físicos, quer universos sociais.

A maiúscula com que João Cabral destaca alguns léxicos pode ser compreendida como mais uma homenagem não só ao estilo, mas, sobretudo ao modo como Suassuna, em verso ou em prosa, singularmente, visualiza signos tão presentes e tão importantes no Nordeste, na vida do nordestino e na universalidade. É importante observar quanto às palavras Sertão, Mar, Brejo, Mata, vocábulos destacados no poema de Cabral, são elementos simbólicos com que Suassuna realça bem mais que os espaços físicos e geográficos; representam-se, sim, a multiplicidade, a riqueza, o vigor, a criatividade do Nordeste e do homem nordestino.

O sertão de Suassuna descrito no poema é também o sertão mítico, é o espaço das adversidades, é aquele que reflete ascensão e declínio, possibilidades e impossibilidades, um sertão transcrito por uma dualidade, por uma triplicidade declarada ou mesmo por uma multiplicidade. Nesses sertões e/ou nordestes tão bem descritos por João Cabral, nenhuma dessas possibilidades atua eterna e perenemente; elas se alternam, fazendo com que o Nordeste expresse uma das suas outras faces – o sertão portentoso, espaço do “sim”, mesmo que apresentado recorrentemente como espaço do “não”. A região Nordeste refuta assim a unicidade este-reotipada com que é representada:

Por meio do resgate seletivo do que individualizaria aquele espaço, essa variada produção cultural inventa os códigos de compreensão simbólica de uma comunidade e simultaneamente a eles se conforma, adquirindo um inequívoco caráter regional e fazendo com que o Nordeste se perceba e se apresente como *nordestino*. Ainda que fisicamente dispersos e distintos em quase tudo, os habitantes dos seus mais distantes recantos constroem um lugar simbólico comum e passam, gradualmente, a se imaginar como pertencentes a uma comunidade única. (ANJOS JÚNIOR, 2000, p. 48)

Notadamente toda a investida ocorrida na primeira metade do século XX, voltada para a sedimentação de uma visão regionalista, proposta abraçada pelo Nordeste, foi responsável conforme aponta acima Moacir dos Anjos, pela criação de um sentimento redutor de identidade, enfim, uma unicidade “inventada”, ou seja, arquitetou-se um universo em que o povo nordestino, por assim dizer, se apertasse dentro do mesmo baú. Passado mais de um século, esse caráter uno se desfez, abre-se o baú, nordestinos podem agora respirar ares que não sejam os mesmos dos seus antigos conterrâneos, enfim, desfrutem de ares livres e saudáveis um tanto quanto distantes da asfixia anterior. Não cabe mais, não há mais espaço para as rotulações que reduzem a ideia de Nordeste. A contribuição artística e literária deixada por Suassuna funciona como alargadora desses limites cunhados por certa tradição.

É possível analisar a partir de “A história do amor de Fernando e Isaura”, sobretudo, a incidência dessa outra possibilidade desse Nordeste úmido tematizado por Ariano, já que com essa obra, por meio dos espaços do sertão ou não, acessa-se um Nordeste diferente do anunciado pelo regionalismo naturalista. Ainda, tais outras possibilidades estão presentes no “Romance d’A Pedra do Reino”, reiterando a tese de que Ariano Suassuna não atua, ao contrário, busca desconstruir o determinismo do constructo de um único sertão, um único Nordeste.

O sertão suassuniano não pode ser identificado, sem melhor exame, com o sertão nordestino amplamente difundido na literatura brasileira a partir do regionalismo moderno, a sub-região de clima semiárido que se transformou num dos cenários preferidos do chamado “romance de 30”, descrita, sobretudo, nos tempos de seca. Isto porque, ao sertão que lhe foi dado, Suassuna acrescentou um sertão em grande parte sonhado, um sertão transfigurado a partir do sertão real. Em certa medida, o sertão de Suassuna é o mesmo sertão seco, pedregoso e espinhento da caatinga, mas é, também, outro sertão, não descrito de forma naturalista, como fizeram os escritores regionalistas, mas de maneira a acrescentar, à verdade social da região, uma verdade mítica e poética – um sertão mais épico e maravilhoso, em grande parte influenciado pelo romancista popular nordestino. (NEWTON JÚNIOR, 2016, p. 140)

É pertinente afirmar que o cenário de Fernando e Isaura possibilita às gerações de leitores atuais e futuras o acesso às obras de Suassuna por meio da localização dos diversos espaços que ele traz da Região Nordeste. É claro que a intenção aqui não é elidir, desse panorama, o Nordeste da seca, o Nordeste dos escritores da “geração de 30”, o Nordeste que se “acostumou” a qualificar como próprio dessa região.

O propósito é aludir, nesta Seção, a espaços do sertão e do Nordeste que foram caracterizados por Suassuna, tais como: Paraíso – vai e vem das águas, seja da chuva, dos rios ou dos mares; Inferno – tempo da seca, da carência, das privações; e, Purgatório – fase de transição. Acrescenta-se aqui como integrante do Paraíso, o Litoral, pois, assim como ele está presente no poema de João Cabral discutido acima, é também o cenário contumaz do romance “A história do amor de Fernando e Isaura”. O Litoral aparece em poemas e outros romances suassunianos. Ou ainda como o descreve o próprio Suassuna: “Com essa autoridade, que o torna indiscutível, ele nos demonstra no seu tratado Os Sertões que o nosso sertão tem uma face de Inferno e outra de Paraíso... a face do Sertão é tripla, e não dupla! É o Inferno, o Purgatório e o Paraíso” (SUASSUNA, 2014, p. 409).

Há ainda a heráldica, elemento comum aos três espaços do Nordeste supracitados, visto que os elementos próprios da heráldica são visualizados constantemente nas produções de Suassuna, e, quanto mais se consegue depreender de suas obras elementos diferentes para o Nordeste, mais fidedignos se está sendo à proposição literária que se identifica com abordagens de cunho universalista.

Suassuna não foi apenas sertanejo, ele fazia questão de iluminar o Brasil em seus vários aspectos. Por isso, o sertão ganhava bastante visibilidade, mas sem que houvesse a omissão do litoral. Ariano é, sem dúvida, um intérprete do Brasil, um intérprete com ponto de partida fincado no sertão, que definitivamente não se prendeu apenas ao espaço físico. Bráulio Tavares (2007, p. 164) convida a essa reflexão: “Ariano faz uma defesa estética e moral irrestrita do sertão e de seus valores, mas sua trajetória pessoal e literária é a de uma lenta migração rumo ao Litoral e à Cidade”, ou ainda:

Ora, existem alguns escritores brasileiros do Mar, e existem outros do Sertão, isto é, uns são Tigre marinha verde-azul, e outros do Jaguar-de-ouro sertanejo, mosqueado de negro e de vermelho. Mas o único que é, ao mesmo tempo, filho da marinha Tigre fêmea verde-azul e do Jaguar-macho e sertanejo de pelo de ouro é o modesto Rapsodo que vos fala neste momento. [...] Foi então para que se cumprissem as Profecias que eu tive esse ambíguo nascimento marinho e sertanejo, bifronte, dilacerado e contraditório, muito característico, aliás, do enigmático Signo de Gêmeos que é o meu. (SUASSUNA *apud* TAVARES, 2007, p. 164)

Percebe-se que dentre as vastas faces sertanejas ou nordestinas descritas por Suassuna, o Paraíso é uma delas. Mas, a essa divisão tornam-se passíveis subdivisões, como é o caso do Paraíso dentro e fora do sertão. O Paraíso pode ser entendido em Suassuna como o lado venturoso

do Nordeste, como uma das faces do sertão. Ele caberia tanto no recomeço que se instaura após as secas, com a terra molhada, águas nos cochos dos animais, terra pronta para plantação, quanto no litoral inserido em “A história do amor de Fernando e Isaura”, aspecto que se articula com movimentos migratórios empreendidos pela vida de Suassuna.

2. *O paraíso de Fernando e Isaura*

A inserção de passagens do litoral em “A história do amor de Fernando e Isaura” contribui para a ampliação da visão de Nordeste esboçada nas produções do autor em estudo. Inclusive, busca-se observar quanto a presença do litoral ocorre em suas produções antes e a partir desse romance. Isso possibilita, igualmente, juntar a essa obra a ampliação da abordagem do Nordeste mítico e poético de Suassuna, esguichando água onde muitos só encontravam pedras, pedregulhos.

Esse romance corrobora, mais uma vez, com a realização da paisagem que alude ao paraíso-litoral, conforme explicita Renata Mascarenhas (2011, p. 2): “Esse deslocamento do sertão para o mar foi imprescindível para o redimensionamento do espírito marítimo aventureiro do mito celta no texto de Suassuna”. Essa transfiguração do sertão, segundo Carlos Newton Júnior (2016) em recente artigo publicado pela Academia Brasileira de Letras, classifica três planos para o sertão nordestino: o plano geográfico, o plano mitológico e o plano teleológico. Ele avalia que o plano geográfico se refere às delimitações territoriais nas quais Suassuna viveu e que são constituídas pelo sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte – três Estados considerados por ele como o coração do Brasil. Esses espaços também se ampliam devido à universalidade das questões tratadas nos cenários da obra do escritor:

A transfiguração no plano geográfico não implica, somente, reconfiguração de território, mas abarca outros elementos, a exemplo da fauna, da flora ou da paisagem. Se, em sua viagem iniciática às pedras do reino, Quaderna se decepciona com a beleza e a dimensão das duas pedras que formam as torres da “Catedral Soterranha” do seu reino, por achá-las inferiores às descrições históricas e literárias que tinha delas, logo aprende, com seu companheiro de viagem, o fotógrafo Euclides Villar, que a função da arte e da literatura é justamente corrigir a “mesquinha realidade” (NEWTON JÚNIOR, 2016, p. 143)

Há ainda o plano mitológico para o qual Newton Júnior argumenta que, nas obras de Suassuna, as personagens retratadas não são apenas cangaceiros, mas também profetas, santos e todos esses componentes assumem uma conotação mítica ligada ao maravilhoso, aspecto comum nos

folhetos de cordéis. Aqui a heráldica paramenta as personagens que se transformam em cavaleiros com lanças e armaduras de couro. E, por fim, chega-se ao terceiro plano, o teleológico, que pode ser olhado exatamente como o fim e o recomeço dos outros sertões, porque, por meio dele, as obras de Suassuna representam uma salvação, um sentimento esperançoso, que seja moral, ético ou o Paraíso, trazido aos sertões com as chuvas ou com o litoral.

No plano geográfico, o sertão Paraíso de Suassuna pode ser abordado em seus primeiros poemas e vão se ampliar na ambientação do primeiro romance, aquele cuja paisagem é o litoral de Alagoas, terra de cajueiros frondosos, de um rio robusto que dá abrigo aos amantes infieis. Os planos supramencionados nos quais se divide o sertão de Suassuna, a exemplo do sertão trazido no romance em estudo, ratificam que o autor não fez parte do grupo de escritores que inventou um Nordeste para ser consolidado como marca identitária que se opõe à Região Sudeste.

Dentro dessa perspectiva, considera-se que o primeiro romance de Suassuna se incorpora ao todo da sua obra, atuando como um elemento que amplia o Nordeste suassuniano para os leitores e servindo como mais uma possibilidade de se aludir ao universo mítico e real do poeta. Esse folhetim é capaz de encantar amantes dos tempos antigos até os dias atuais, mesmo sendo essa uma história tão antiga, como advertiu o autor. Já na primeira página, é possível ao leitor deslocar-se para um Nordeste muito familiar aos que conhecem essa região, e cujas descrições poucas vezes aparecem em obras literárias:

Na fazenda São Joaquim, a terra era rica e fecunda, muito bem servida pelas chuvas por causa da proximidade do Mar. Estendia-se ela entre Penedo e Piassabussu, por uma vasta região, coberta por coqueiros na faixa da praia e na foz do Rio São Francisco; de lavouras diversas por trás da estrada que bordejava o mar; e, mais para dentro ainda, de pastagens que cobriam colinas e para onde se levava o gado. Porque o dono, Marcos Fonseca, era muito rico e possuía duas frotas de barcaças. A primeira fazia cabotagem do Mar até Maceió. A segunda entrava pelo São Francisco adentro para levar mercadorias e trazer couros de Cabra que recebia de Piranhas e transportava para o litoral, de onde eram exportados. (SUASSUNA, 2006, p. 21)

É possível ver as veredas nordestinas sendo mencionadas e representadas pela literatura brasileira, e Suassuna traz isso nesse romance, que fala do encontro das águas doces com as salgadas. A cidade de Piranhas fica localizada no alto sertão alagoano, às margens do Rio São Francisco e hoje faz parte da Rota do Cangaço, roteiro que é cumprido e visitado via catamarãs por turistas que exploram os cânions do rio. Eles

são recepcionados por guias turísticos que se vestem de Lampião e Maria Bonita, visto que lá também se localiza a Grota do Angico, local onde Lampião e seu grupo foram assassinados.

Ler passagens como as descritas acima ou como as que se seguem abaixo contribui para a visualização do cenário úmido por ele descrito, e faz, em um primeiro momento, achar que se está diante de outra região que não seja o Nordeste.

A terra reservada à lavoura ficava ensopada, transformando-se em verdadeiras lagoas quadradas que os leirões dividiam dando, ao mesmo tempo, passagem para a Mata. Rebanhos de patos bravos, em migração, estabeleciam curto pouso naquelas águas cercadas pela vegetação. As árvores ficavam inteiramente molhadas e de suas folhas caíam pingos sonolentos. (SUASSUNA, 2006, p. 22)

O romance deflagra o cenário das águas que abriga beijos ardentes e lágrimas que se misturam pela correnteza das águas. O sertão e o litoral também estão intrinsecamente ligados pelas idas e vindas de Mestre Serafim:

Quatro meses tinham decorrido desde a mudança nos sentimentos de Isaura, quando um dia, a *Estrela da Manhã* chegou a Piranhas, comandada por mestre Serafim. Trazia sal, querosene e açúcar para o Sertão, devendo voltar em poucos dias com uma carga de couros-de-cabra para o Litoral. (SUASSUNA, 2006, p. 143)

Como o próprio Suassuna afirmou, concluída “A história do amor de Fernando e Isaura”, ele já estava seguro para enveredar pela sua empreitada maior que seria o “Romance d’A Pedra do Reino”. Mais do que provedor de forças, esse romance é sem dúvida responsável por continuar escoando as águas advindas dos poemas nos cenários romanescos de Suassuna. Assim, o segundo romance “Romance d’A Pedra do Reino” também reitera, em diversas passagens, a ideia de paraíso apresentada no romance em estudo: “Pois esta tripla face de Sertão, que lhe descrevi, com sua Chapada diabólica, seu Purgatório de chamas e com sua Fronde paradisíaca de riachos, roçados, açudes e pomares, é a minha particular, única e régia “Fonte do Cavallo Castanho.” (SUASSUNA, 2014, p. 410). Eis assim essas outras faces sertanejas, conforme descrição presente no “Romance d’A Pedra do Reino”:

Sertão nosso é o Reino sagrado e misterioso, que foi predito por um dos grandes profetas da nossa terra, Frei Antônio do Rosário, filho da Capucha de Santo Antônio do Brasil [...] É o Reino sagrado, cortado pelos rios que secam e se enchem misteriosamente, rios dos quais dizia aquele mesmo Profeta, Frei Antônio. (SUASSUNA, 2014, p. 725)

Na passagem abaixo Suassuna faz no “Romance d’A Pedra do Reino” um roteiro marcado por belíssimas faixas litorâneas nordestinas saindo de Alagoas a Pernambuco, expondo este Nordeste margeado por um litoral que sempre esteve lá, anil e desanuviado, emoldurando os recortes geográficos dos mapas brasileiros.

As maiores iam somente do Mar até Penedo, onde pegavam a carga deixada pelos menores, que desciam até ali desde o Sertão das Piranhas. De Penedo então voltavam as maiores, subindo pelo Mar para o Norte e fazendo escala em Maceió, em Barra do Camaragibe, em Tamandaré e São José da Coroa Grande, até chegarem à Barra do Rio Suape, em Pernambuco. (SUASSUNA, 2014, p. 485)

O cenário das águas fez, inclusive, Suassuna articular elementos dos dois romances como é possível ver no “Romance d’A Pedra do Reino” em que aparecem novamente as barcaças, transportes marítimos de “A história do amor de Fernando e Isaura”:

Que beleza é a frota de barcos de seu Pai, Clara! As barcaças mais comuns daqui são menores e tem as velas coloridas e com figuras rostrais esculpidas em madeira, na proa. Para lhe ser franco, confesso que sinto até sensação de prazer, só em falar nisso! [...] olhando cismadoramente para o Mar verde-esmeralda e azul-turquesa, lá embaixo. (SUASSUNA, 2014, p. 496)

Todavia, a passagem descrita acima permite desmistificar a visão e estabelecer diálogos contrários aos de outros pesquisadores, os quais só conhecem o sertão de Suassuna como este foi retratado em sua maioria, a exemplo do que defende Eduardo Dimitrov (2006, p. 6) em sua dissertação: *O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como criador e criatura*. Na pesquisa de Dimitrov, apresenta-se o ponto de vista de que Suassuna compõe sua obra teatral a partir do encontro entre sua biografia e o seu veio criador, misturando assim realidade e ficção e, como resultado disso, ele faz emergir um Nordeste específico de certa cultura popular e de um universo de personagens espertos que reafirmam uma identidade para os nordestinos:

Como já foi mostrado nos itens anteriores, o cenário das peças de Ariano Suassuna é a seca, a fome e a miséria. Em todas, e em graus variados, essas características do sertão nordestino rondam ora o centro, ora o pano de fundo. A população simples, de baixa renda e que luta dia-a-dia para sobreviver, faz parte do universo dramático do autor, o que colabora para que o leitor associe aquela trama às classes pobres do Nordeste brasileiro. (DIMITROV, 2006, p. 182)

3. Considerações finais

Destarte, poder iluminar, por meio de “A história do amor de Fernando e Isaura”, os outros espaços do Nordeste pelos quais Suassuna transitou e observar como eles são produtivos para desmistificar a unificação do Nordeste em torno apenas da perspectiva da seca, do inferno e do não.

Assim, as prerrogativas de Dimitrov se estreitam por apresentar pontos de fidedignidade e de ratificação à ideia una, a qual se construiu sobre o Nordeste. Desse modo, é necessária uma visão mais alargada, mais apurada, aquela que constata a ideia totalizadora de Suassuna como artista reproduzidor de uns Nordeste. E isso, é justamente o que esta análise do romance primeiro de Suasussuna, “A história do amor de Fernando e Isaura” se propõe a expandir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ANJOS JÚNIOR, M. T. R. Desmanche de Bordas: notas sobre identidade cultural no Nordeste do Brasil. In: HOLLANDA, H.B. de; RESENDE, B. (Orgs). *Artelatina: cultura, globalização e identidades cosmopolitadas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 45-59

BÉDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DIMITROV, Eduardo. *O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como “criador e criatura”*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006. 220f.

MASCARENHAS, Renata de Oliveira. A história do amor de Fernando e Isaura: a reescrita do romance de Tristão e Isolda por Ariano Suassuna. *Inventário*, v. 1, p. 1/6-14, Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/08/A%20historia%20de%20amor%20corrigido.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

MARTINS, Wilson. *O romancista da pedra e do sonho*. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 10, p. 111-28, São Paulo, Instituto Moreira Salles, nov. 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MELO NETO, João Cabral de. A pedra do Reino. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 420-21

NEWTON JÚNIOR, Carlos. A pedra do Reino: o sertão mítico e poético de Ariano Suassuna. In: Ciclo de conferências “Travessias no sertão”: 5º Ciclo. Coordenador Cícero Sandroni. 2015 a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RYmpxY3Ec_U. Acesso em: 17 jul. 2017.

_____. A Pedra do Reino: o sertão mítico e poético de Ariano Suassuna. *Revista Brasileira*, p. 139-47, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2016. Disponível em: http://www.Academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista_brasileira_87.pdf. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. Prefácio. In: SUASSUNA, A. *Romance d'a pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 17-24

SUASSUNA, Ariano. *A história do amor de Fernando e Isaura*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *Auto da Compadecida*. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005 a.

_____. *Auto da Compadecida*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 177-83

_____. *Poemas*. Seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior. Recife: UFPE, 1999.

_____. *Romance d'a pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. 14.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. *Romance d'a pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017a.

TAVARES, Bráulio. *ABC de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

_____. *Tradição popular e recriação no Auto da Compadecida*.

Outras fontes:

O SERTÃO MUNDO DE ARIANO. Direção: Douglas Machado. Depoimentos Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz e outros. Gênero: Documentário. Brasil: Trinca Filmes, 2003. 84 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Xgfu4eDuzE0>. Acesso em: 5 mar 2016.

TRISTÃO E ISOLDA. Direção: Kevin Reynolds. Roteiro: Dean Georgars. Intérpretes: James Franco, Sophia Miles, Henry Cavill, Mark Strong e outros. Gênero: Drama. Distribuição: Warner Bros e Europa Filmes. Grã-Bretanha, 2006. 1 DVD (125 min).